



# Cá entre Nós

5ª EDIÇÃO - CAMPINAS, MARÇO|MAIO - 2019

## Editorial

*Parece que foi ontem, mas um ano se passou e conseguimos chegar à 5a. edição do nosso tabloide.*

*Muita dedicação, ideias criativas, muito entusiasmo e vontade de transmiti-los aos nossos leitores fizeram com chegássemos até aqui.*

*Editar o “Cá entre Nós” é trabalho compartilhado, responsável, cooperativo.*

*Autores e orgaizadores das edições estão sempre empenhados em dar o melhor de si, porque a educação é obra que envolve os que dela participam, em todas as suas posições.*

*As matérias da 5a.edição (re)afirmam o nosso mote - um ensino para todos e seus autores, desta vez, são todos pesquisadores do LEPED - de ponta a ponta , inclusive o escolhido para a entrevista.*

*E assi vamos espalhando o que acreditamos para fazer da escola o lugar com que sonhamos e que os leitores vão reconhecer na palavra de cada um.*

*Boa leitura e, em retorno, opinem a respeito dos conteúdos da edição, no nosso site. Até à próxima. Vamos em frente!*

*O Editor*

## Educar para transformar o mundo

*Sílvia E. Orrú*

Tolerar as diferenças não é a mesma coisa que compreender e aceitar que todos nós somos diferentes. Tolerar, em português, na cultura brasileira, está mais relacionado a suportar, a se conformar, a se sentir, inclusive, sofrido por ter que se submeter a uma situação de transigência. Em tempos de discurso de ódio no Brasil e por toda parte, e nuvens densas de promessas totalitaristas,

a flexibilidade para tolerar aquilo que incomoda, parece ir à míngua. Se havia na alma algum segredo escondido de repelência à diferença do outro, com o eco da intransigência oprimente, as ações excludentes crescem em sua forma de se materializar na sociedade e, desta maneira, abafam a insubsistente tolerância.

Em uma perspectiva de educação inclusiva e democrática, é preciso compreender que a diferença não está no outro com quem convivo de perto ou de longe. Mas sim, que a diferença é uma propriedade própria da espécie humana. A diferença, portanto, não é a oposição entre uma coisa e outra, entre um ser humano e outro. A diferença é uma qualidade presente em todos os



seres humanos. Todos nós, somos, indiscutivelmente, diferentes. Por mais que existam grupos identitários que se relacionem por uma característica que os (re)úna e os (re)conheça no espaço social, a diferença se estabelece como principal peculiaridade, pois mesmo apresentando aspectos em comum, todos ainda se diferenciam em sua própria diferença.

Nesta perspectiva, a diferença não se estabelece na categoria identitária pelo agrupamento de semelhantes, como por exemplo: mulheres, negros, homossexuais, pessoas com deficiência, cristãos, ateus, imigrantes e pobres. Porém, entende que, ainda que se assemelhem por alguma característica inerente que se destaque como grupos minoritários ou majoritários na esfera social, todos estão conectados e agregados pela diferença como principal atributo singular da condição humana. A diferença nos desafia à superação de nossa própria altivez que motiva o apartheid entre as pessoas pelos mais distintos motivos. Neste sentido, a diferença que emerge do Ser humano, convida-nos à clareza de que devemos aprender a conviver (viver com, viver juntamente) com as diferenças, com as incompletudes do ser e das coisas, não como algo negativo, mas sim como possibilidade transformadora do universo social em derredor.

Na história da humanidade a intolerância e a não aceitação da diferença como condição humana, fabricou barbáries e genocídios pelos territórios afora. Pela diferença, os tiranos justificaram e legitimaram a escravidão de negros, a violência e o estupro de mulheres, a condenação de pessoas sem julgamento justo, a chacina de crédulos e incrédulos, o holocausto pela raça, a segregação pelo diagnóstico, as desigualdades sociais pelo capital, as cruzadas sangrentas em nome de deus.

Mas a escola em sua função social, pode escolher se posicionar para além da tolerância, da condescendência e da militância pelos direitos humanos. Em uma concepção acolhedora de educação em comunidade, pode fluir para favorecer a constituição de pessoas

***A diferença que emerge do Ser humano, convida-nos à clareza de que devemos aprender a conviver (viver com, viver juntamente) com as diferenças, com as incompletudes do ser e das coisas, não como algo negativo, mas sim como possibilidade transformadora do universo social em derredor.***

mais humanizadas, éticas, solidárias, emancipadas e, não menos importante, mais felizes.

Educar para transformar o mundo requer a coragem de semear nos mais diversos solos. Educar para transformar o mundo é investir em mentes com todo seu potencial criativo. É investir no humano, não apenas para a produção de conhecimento científico, mas, igualmente, para a habilidade de conviver com as diferenças das outras pessoas. É ir além da repetição do mesmo no mesmo e para o mesmo.

É compreender que as pessoas são diferentes, vêm e se achegam de lugares diferentes, percebem as mesmas coisas e acontecimentos de modos diferentes, têm estilos de vida e de aprendizagem diferentes. Educar para transformar o mundo é perceber que não há pessoas com inteligências inferiores, mas sim pessoas com inteligências, capacidades e habilidades diferentes e que pessoas, nunca se repetem.

Educar para transformar o mundo é o mais nobre mister que um ser humano pode se decidir a realizar. É se desviar do discurso vazio que apenas uma andorinha não faz verão, mas olhar para o céu e se alegrar porque o verão começa com uma andorinha que vai se somando

as muitas outras andorinhas que se encontram pelo caminho.

Há braços, por uma educação cada vez mais amorosa, inclusiva e democrática!

## **Flores nas janelas da escola?**

**M<sup>a</sup> Terezinha C. T. Santos**

Nasci no contexto de uma escola. Como filha do diretor e de uma das professoras, criei raízes cada vez mais profundas nas identidades/alteridades desse cotidiano, tela onde tenho desenhado, pouco a pouco, minha história de vida.

Formação e trabalho na escola, eis minha caminhada: de professora primária (terminologia da época) a professora universitária, vivenciei desafios enquanto Secretária de Educação na minha cidade mineira de Três Corações e tenho sempre respirado escola, vivido, sentido e bebido desse manancial inesgotável, onde minha profissão de fé se renova a cada dia. Escola, um espaço e um tempo muitas vezes único de acesso ao conhecimento para muitos segmentos da sociedade e que precisa ser valorizado e defendido sempre.

Há exatamente 17 anos, defendi minha tese de Doutorado aqui no Laped - Unicamp, mergulhada no celeiro de idéias cambiantes, que continuam balançando velhos paradigmas que teimam em se acomodar, assustam e provocam ao mesmo tempo.

Será que o objeto da minha tese é atual?(e cá entre nós...eu bem que queria que ele já fosse uma realidade esgotada!!!...) Mas...

Exatamente neste início de ano de 2019, nesta prosa escrita, me dou conta de que pensar o “regular”, que foi o objeto da minha tese, ainda é necessário, mais que necessário, urgente e qual mais adjetivo posso encontrar para acordar sensores, evidenciar realidades aprisionadas.

Qual regular?

Em primeiro lugar, cabe buscar compreender o que significa a ação de “regular” para os habitantes do planeta escola. Paradigma “engessante” o regular aparece como produto pronto, eterno, imutável e universal. Em sua inflexibilidade, torna-se inquestionável, e a escola o vai reproduzindo, de forma mecânica, como um padrão, um modelo a ser seguido e copiado.

Esse jeito de pensar inflexível é herdeiro da modernidade, que declarou a racionalidade técnica como única forma de conhecimento, negando as demais. Busca uma neutralidade sistemática e rigorosa, eliminando qualquer subjetividade; reduz a complexidade em nome de simplificações e classificações fragmentadas.

***Desvelar as regularidades para contemplar as diferenças permitindo que todos sejam bem vindos à escola, No entanto, viciados pelas identidades engessantes, corre-se o risco de transformar as diferenças em produtos fixos.***

Nesse rastro, a instituição escolar traduz-se por padronizações “engessantes” e uma regularidade insistente, que se alimenta de uniformizações a-históricas, persistentes no cotidiano atual.

Nesse enfoque paradigmático, o regular, como categoria, pertence a um universo conceitual que não ganhou existência gratuita ou aleatória, mas surgiu como trama, tecida fio a fio, nos contornos do espaço-tempo. A origem da palavra vem do termo régula (ou regulete), que designava uma pequena moldura chata e estreita usada no século XIX para separar portas, almofadas entre outras coisas e uma metáfora preciosa

para separar, discriminar e excluir por que não, até seres humanos.

A régula cria o regular, modalidade de ensino que se refere aos normais, aos comuns, aos iguais. Do outro lado, ficam os não-normais, os não-comuns, os diferentes, fora do padrão, fora do modelo.

Na realidade escolar, existem continuidades e descontinuidades, diversidades e padronizações, que configuram perfis aceitos como regulares ou não; portanto, é necessário pensar no sentido da palavra “regular” e em todas as manifestações que a legitimam, sobretudo identificar seus mecanismos excludentes.

A escola regular busca, muitas vezes, anular diferenças, padronizar e modelizar, excluindo, assim, quem não cabe em seus parâmetros. Significa a instauração de critérios que dividem, compartimentam, dualidades que evidenciam tipos estanques.

No meu texto de 17 anos atrás, escrevi um parágrafo otimista:

*“Felizmente esse paradigma embora dominante, vai mostrando sinais de esgotamento, na medida em que não consegue explicar a realidade. Além disso, sua fragilidade teórica e as novas descobertas da ciência apontam para novas configurações. De acordo com o novo paradigma, em contínua gestação, a construção do conhecimento ganha contornos na complexidade do mundo atual, na construção histórica, evidenciando a importância das relações entre objetividade/subjetividade, entre as dimensões local e total, entre conhecimento e auto-conhecimento, entre a ciência e o saber comum”*

Será verdade? Otimismo ingênuo?

Minha tese foi escrita num momento histórico em que a bandeira da inclusão ganhava espaço e as políticas públicas no país eram vanguarda na defesa de uma escola para todos.

O momento de luta pelo respeito às diferenças, era propício para denunciar as regularidades excludentes da escola comum. E no entanto, a padronização, as regularidades aconchegantes não foram extirpadas das entranhas do “ethos” da escola. Cabe aqui o

questionamento pertinente feito pelo Professor Miguel Arroyo:

Será que ainda estamos apenas colocando flores nas grades da escola, mas não retiramos as grades da escola? Desvelar as regularidades para contemplar as diferenças permitindo que todos sejam bem vindos à escola, No entanto, viciados pelas identidades engessantes, corre-se o risco de transformar as diferenças em produtos fixos, rótulos cômodos que estandartizam categorias e criam mecanismos, técnicas e métodos para enxergar as deficiências nas benditas gavetas, chegando ao cúmulo de insistir que o Atendimento Educacional Especializado se consolide em normas gerais que obscurecem a visão de sujeito concreto e único. Como fica o dogmatismo de laudos e pareceres que definem de forma apriorística o aluno? De que forma se sustentam as especialidades em uma ou outra deficiência devidamente enquadradas? Onde estão os Planos individuais de AEE construídos no estudo articulado com a prática?

AFINAL... há que se garantir a escola como vida em movimento e ter clareza do que acontece com cada um de nós, com a escola de cada dia, com as políticas públicas que se pautam pela inclusão e que excluem porque não se contempla o processo e se acomoda no produto? Socorro!!!!

O “regular” aprisionou até as diferenças!

## **Construir o avião durante o voo**

**Gustavo M. Tomazi**

A palestra intitulada: Construir o avião durante o voo, realizada no Seminário sobre Educação Inclusiva no Contexto Universitário - UNICAMP/FE, dava pistas a respeito das reflexões que teríamos neste breve tempo da exposição do professor Davi Rodrigues (ESSE Jean Piaget-Almada/Portugal). Quando pensamos

em ensino, uma aeronave que se constrói enquanto voa, nos remete diretamente a sala de aula e a prática inclusiva que defendemos neste anos de estudos na faculdade de educação. No entanto, nos discursos de abertura do simpósio, antes da palestra, um dos membros da mesa nos leva ao chão afirmando que a inclusão da pessoa com deficiência é um grande problema a ser superado, porque que ela se dá de maneira improvisada e mediante a demanda de alunos e suas condições, temporárias ou não, de deficiência na universidade.

A forma como o "problema" é visto e trazido pelo fatídico discurso, não indica perspectivas de uma real mudança de atitude.

Até que ponto devemos estar preparados ao lidar com as diferenças? Agir diante de uma demanda específica, pode significar um caminho para a hospitalidade que buscamos? Construir um avião durante o voo, contrapõe o panorama apresentado no discurso de abertura do evento, e o título da palestra do professor propõe uma atitude bem mais inclusiva, que sustenta a construção do ensino no encontro, no acontecimento escolar. Ainda que contra o vento, a palestra se inicia com os primeiros slides da apresentação do Prof. Davi que explicam o conceito da tragédia pessoal, da deficiência, da habilitação

***Por isso a inclusão,  
para muitos, significa  
um problema e não  
uma oportunidade  
educativa.***

e do diagnóstico das pessoas com deficiência que compõem os alicerces da maioria das barreiras criadas para que a inclusão que defendemos se efetive. Entendemos como essa mentalidade equivocada consolida os argumentos que fortalecem o paternalismo e o assistencialismo oferecido ou cedido a estas pessoas. Por isso a inclusão, para muitos, significa um problema e não uma oportunidade educativa.

Vimos que a escola está sempre certa e o aluno com deficiência, pela sua condição, errado. Inevitavelmente, a escola se conforma e busca o aprendizado que supra a demanda e as necessidades da sociedade em que vivemos. A economia, para a maioria dos pais, é a motivação principal para a "formação" escolar e deve nortear o currículo da escola, que corresponde garantindo o saber competente.

A escola é muito mais do que isso! Aprender também envolve relações entre pessoas e o meio, além de outros aspectos culturais importantes para o

convívio social. Vai além de apenas adquirir habilidades para o trabalho. Portanto, antes de qualquer coisa, antes de qualquer estratégia ou projeto de vida, deve se refletir sobre o propósito de aprender, qual sua função na formação do indivíduo e da sociedade.

No caso do ensino para todos ou ensino inclusivo, a escola deve evitar a categorização e a estigmatização promovidas pelo diagnóstico do indivíduo no modelo médico que o enquadra em um determinado um modelo social, definindo um limite para o seu aprendizado.

Devemos partir da condição da presença do aluno em sala de aula e de suas interações com a prática do ensino. Dessa forma sugerimos rever o modelo médico que define as capacidades, para o modelo social que respeita os diferentes processos de aquisição do conhecimento de acordo com as capacidades do aluno.

Tal escola deve ter em seus princípios, a valorização incondicional de todos os que ali estão e respeitar os processo de aprendizagem de cada um sem cobranças ou metas que devam atingir. Não se trata de ensinar o que é possível, não cabe ao outro definir o quanto se aprende, cabe ao professor apenas ensinar. Todos aprendizes são valorosos.

Segundo o professor Rodrigues ninguém é inclusivo, nenhuma escola é inclusiva pois estamos voando em um avião em constante construção. Nessa perspectiva que as sugestões aqui colocadas propõem ou sugerem ao ensino consolidado e tradicional uma mudança de paradigma profunda. Uma instituição de ensino que pretende ser inclusiva, deve entender, acolher e respeitar os processos de aprendizagem dos alunos, da maneira que se manifestarem. Nesse processo a escola e o professor identifica e remove as barreiras para o ensino, dessa forma colabora para garantir a presença e participação de qualquer tipo de aluno. São premissas que possibilitam um ambiente hospitaleiro onde o alunos participam da



*Ilustração: Gustavo Machado Tomazi*

construção do saber escolar. Como o próprio professor nos explica, a escola inclusiva procura saber o projeto pessoal do aluno e suas aspirações para entender qual sua meta de aprendizado. O significado de sucesso não é o mesmo para todas as pessoas. Para aqueles que possuem alguma condição de deficiência, a inclusão serve para a vida toda, não somente na escola. Ela abrange um conceito que compreendido em sua essência e assimilado internamente, passa a fazer parte incontestemente das relações sociais em inúmeros aspectos.

## Um dia no cotidiano da Escola de Infância Villetta - Reggio Emilia

*Roberta Borges*

Fevereiro de 2018. Era um dia de estudos destinado a realizar uma visita no cotidiano de uma escola de infância de Reggio Emilia na Itália, cujo nome era Villetta. Um lugar repleto de histórias, memórias, encontros e belezas que suscitou o meu desejo de narrar a experiência tão singular vivida naquele dia.

Como de costume, quando visitamos as escolas de infância de Reggio Emilia, logo no início dos trabalhos somos acolhidos, em uma assembleia, geralmente, por uma pedagoga e um outro educador. Naquela ocasião, a pedagoga responsável pela escola era Paola Strozzi e o atelierista era Matteo Bini, educadores que nos receberam com muito entusiasmo e alegria para um diálogo. Logo no início, muitas histórias interessantes da escola foram reveladas por eles, e a que mais me chamou à atenção, foi o modo como a escola nasceu e os valores constituídos pelas pessoas que idealizaram Villetta.

A escola nasceu em um prédio antigo

que testemunhou a Segunda Guerra Mundial. O ódio entre os povos ainda está presente nele. Marcas vivas – tiros – em suas paredes, revelando elementos reais do genocídio. Esse prédio tão antigo assistiu também ao regime totalitário de governo, e enxergou a subserviência de um povo. Um povo calado!

Na primavera de 1945, os cidadãos de Reggio Emilia, ao se depararem com o término da Segunda Guerra Mundial e com o fim desse triste momento do totalitarismo, trouxeram em seus corações um forte sentimento de esperança. Não queriam reviver um período tão sombrio e carregado de dor, que de modo tão profundo marcou as suas vidas. Quando olharam para as marcas deixadas nas pessoas e na cidade pelos escombros da guerra, perguntaram-se por onde começar a restituir uma cidade e pessoas devastadas. Depois de muitos embates e reflexões, decidiram reconstruí-las pelas escolas de infância – “nós queremos um novo e diferente lugar para as nossas crianças”. Assim, homens e mulheres deliberaram e começaram a construir juntos escolas em Reggio Emilia.

A história da escola Villetta nos faz enxergar novos caminhos para a transformação de uma sociedade a partir das escolas de infância, ou seja, projetar uma escola diferente das que já existiam na cidade, significava fazer



*Fotografia: Escola de Infância*

***A história da escola Villetta nos faz enxergar novos caminhos para a transformação de uma sociedade a partir das escolas de infância, ou seja, projetar uma escola diferente das que já existiam na cidade, significava fazer novas escolhas, definir novos valores.***

novas escolhas, definir novos valores. Então, escolheram pela construção de um projeto que revelasse a prática democrática, que significa a participação, o acolhimento e a escuta de todos (pais, professores, crianças e cidadãos) para a criação do maior patrimônio público da cidade, o direito de todas às crianças à Educação.

Na continuidade do trabalho de estudos que estávamos realizando, fomos convidados a caminhar pela escola e tivemos como desafio encontrar o “conceito de acolhimento” nos ambientes e nas relações entre as crianças e os adultos.

Iniciei a visita e logo me deparei com os ambientes da escola Villetta. Os ambientes eram ricos e dinâmicos; cuidadosamente projetados pelos professores para acolher crianças competentes, que são cheias de vida, de pensamentos, de ideias, de curiosidades, de perguntas, de dúvidas, de teorias, de hipóteses... Naquela ocasião, as crianças estavam todas em pequenos grupos dialogando e pensando em problemas reais que nasceram do cotidiano.

Continuava a caminhar pela escola, quando uma cena me chamou a atenção. Havia um pequeno grupo de cinco crianças com um pouco mais de quatro anos. Elas estavam entretidas realizando seus trabalhos. Conversavam, riam, escreviam, desenhavam e mostravam os seus

desenhos umas para as outras. Estavam tão alegres que me aproximei para ver de perto o que estavam fazendo.

Então, indaguei uma criança: “O que vocês estão fazendo?”. Uma das crianças que estava mais próxima de mim, disse: “Estamos preparando um presente de aniversário, esta semana uma amiga nossa irá fazer 5 anos e vamos presenteá-la com um cartão”. Pensei, que gesto simples, mas fraterno, um amigo, no dia do seu nascimento, data tão especial, não passaria seu dia despercebido.

Na sequência, uma das crianças, para minha surpresa, pausou sua atividade e me perguntou: “Como você se chama?”. Disse: “Roberta. E você?”. Ela respondeu: “Matilda”. Em seguida me perguntou: “De Onde você vem?”. Disse: “Do Brasil”. A medida em que eu ia respondendo, ela dava continuidade ao diálogo de modo singelo, sensível e com um profundo respeito pelas minhas respostas. E o diálogo prosseguiu: “O que vocês comem lá?”. Esperou a minha resposta e o continuou com muitas outras perguntas: “Você tem filho? Como eles se chamam? O que eles fazem?”. Matilda estava apressada e curiosa em me conhecer. Uma criança lhe disse: “Fala um pouco mais devagar. Lembra que a professora nos disse que eles não sabem a nossa língua e se você falar rápido ela não vai entender o que você está perguntando”. Prontamente, Matilda concordou e começou a falar lentamente.

Como um gesto tão delicado e sublime de um grupo de criança pequena conseguia dar forma a tantos conceitos humanos e com tamanha força, enquanto que as nossas escolas e a nossa sociedade está perdendo. É indescritível o sentimento de acolhimento que recebi dessas crianças. Naquele momento tive um insight, entendi o conceito de acolhimento como: escuta, disponibilidade e reconhecimento; elementos valiosos da prática democrática. As crianças não deixaram que eu passasse por aquele lugar de maneira indiferente. Saí da escola Villetta emocionada,

como se tivesse recebido um grande tesouro. Grata por toda experiência que vivi, senti e recebi das crianças e dos adultos. Além de conseguir enxergar na prática do trabalho a essência da palavra acolhimento. A fala de Campari, uma das integrantes do Conselho de Gestão da época do nascimento da escola, disse: “ (...) abrir uma escola para todos, onde ensinavam princípios de honestidade, fraternidade, amor e igualdade entre todos os povos ...”, fez todo o sentido para mim. E me fez voltar para o Brasil com um enorme sentimento de esperança, de que junto com as famílias e com a comunidade podemos mudar os rumos da educação e construir um presente e um futuro melhor para as nossas crianças.

## Heptálogo da Inclusão

*Martinha C. Dutra*

Para que não nos deixemos cair em tentação, cravo na pedra da vida os sete mandamentos de uma escola de toda gente.

*I – Escola das diferenças:* Uma escola de toda gente afirma a unicidade de todos e de cada um na sua diferença. Instituir as diversidades é, melifluamente, tachar o outro de diferente, diverso ou longe da “normalidade”. A condição física, sensorial, intelectual, étnica, sexual, econômica e social são atributos para essencializar identidades em detrimento de suas alteridades. Uma escola das diferenças insurge-se contra aquela dos diferentes e das diversidades. Afirma-se pela mescla e pela hibridização entre saberes e sujeitos de saberes e de direitos.

*II – Sujeitos de Direitos:* Em uma escola de toda gente, as pessoas são percebidas como sujeitos de direitos. Seriam as pessoas “especiais” sujeitos de direitos? Ou o adjetivo funciona como um eufemismo para os não normais? Há os mais ou menos normais? O que define tal padrão de

normalidade? A qualificação “especial” serve muito mais para excluir do que para incluir. Se o direito estivesse assegurado, independentemente da característica individual de cada sujeito, não haveria razão para etiquetar como especial. Essa é uma forma de justificar o não direito ao direito e explicar socialmente as medidas compensatórias ao não acesso ao direito. O padrão de normalidade estabelece o limite entre os sujeitos de direitos e os sem direito ao direito. Para um direito proclamado ser reconhecido como um direito, deve se fazer presente na vida de todos, caso contrário, converte-se em privilégio de uns e marginalização de outros.

*III – Escola em formação:* Uma escola de toda gente sempre será uma escola em formação. O mito da escola preparada cai por terra diante da constatação de que cada escola se faz em constante formação, uma vez que jamais será considerada pronta e acabada. É falso o argumento de que a inclusão escolar somente será factível quando a escola estiver preparada. O repetido despreparo da escola é o principal motivo para perpetuar a segregação escolar, postergando continuamente a efetivação de um direito humano fundamental e indisponível.

*IV – Participação e aprendizagem de todos:* Em uma escola de toda gente, há participação e aprendizagem de todos. Estudar, participar de todas as atividades culturais e de aprendizagem é um direito de todos. Essa afirmação seria dispensável em se tratando de um espaço educacional. A antítese desse mandamento pode ser resumida pelo termo socialização. A princípio, a escola necessariamente é um espaço de socialização. Mas nem sempre tudo que é para todos é aplicado para alguns. Os alguns são aqueles que por não serem considerados capazes de estudar e de aprender, somente fazem o social, isto é, estão, mas não fazem parte. Ser capaz de estudar significa amoldar-se à forma preconcebida pela escola. Ser capaz de aprender

representa corresponder aos padrões de saber eleitos pela escola. Para se justificar a existência de espaços apartados foi necessário forjar a figura do que é capaz de aprender, como também, dos incapazes de tal feito. As escolas e as classes especiais representam a naturalização desse modo de organização, que hierarquiza e fragmenta o direito à educação. Hierarquiza por que elege quem pode e quem não pode aprender. Fragmenta um direito que é de todos e desincumbe a escola do seu principal afazer, desde que o sujeito seja o tal sujeito sem direito. Mesmo em uma escola comum, aprender não é um verbo conjugado por todos. Há os que somente se socializam, sem qualquer reciprocidade, já que são estigmatizados por se socializarem e não fazerem parte. Em uma escola de toda gente, a participação nas atividades escolares é irrestrita e não se desvinculam atividades culturais das de aprendizagem. Nos espaços educacionais segregados, elas se opõem entre si. As primeiras não têm compromisso com o aprender e as últimas são inacessíveis aos alguns. Uma escola inclusiva é aquela em que aprender é para todos. Participa quem aprende; aprende-se participando.

*V – Expectativas positivas sobre todos e cada um:* Uma escola de toda gente cultiva expectativas positivas sobre todos e cada um. Nela não há profecias do ocaso sobre uns ou outros. Dobrase a aposta mediante experiências duplamente desafiadoras. O futuro age como uma catapulta do presente e uma máquina de transformação do passado. Ninguém escapa aos arautos de um alvissareiro futuro. Em uma escola da gente, ninguém fica para trás; todos são alvos de expectativas as mais promissoras. A falta de expectativa positiva pode ser interpretada como ato discriminatório deliberado.

*VI – Escola aberta:* Uma escola de toda gente está sempre aberta. Essa escola é aquela que percebe em todos um sujeito de direitos e provê suas necessidades. Estar aberta a todas as

pessoas é um requisito essencial de uma escola democrática e inclusiva. Uma escola aberta tem que servir para todos em todos os momentos. O direito à educação não se confunde com privilégio, mas, afirma-se na efetiva participação e aprendizagem de todos, assegurado o atendimento das especificidades educacionais de cada qual. Assim, efetivam-se as condições de igualdade na diferença e operacionaliza-se esse princípio constitucional, que é o direito fundamental à educação.

*VII – Currículo em movimento:* Em uma escola de toda gente o currículo está permanentemente em movimento. Nessa escola, discutem-se novos conhecimentos, novos instrumentos de avaliação, novas relações entre o ensino e a aprendizagem, uma nova concepção sobre o que é a aprendizagem. Não se cogita a adaptação curricular, que é tida como medida discriminatória por diferenciar negativa ou restritivamente, com base em atributos fixos e baixa expectativa de aprendizagem

Entre no site do tabloide,  
opine a respeito das suas  
leituras e concorra ao  
um livro.



ACESSE:  
[caentrenosweb.com](http://caentrenosweb.com)



# Fala aí!

Escreva para nós, dê  
sua opinião e mande  
sugestões.

[caentrenosweb.com](http://caentrenosweb.com)

**Adalberto Angelo Custódio**

*"Adorei o conteúdo das publicações que recebi. Precisamos garantir que estas cheguem em todos os cantos do Brasil, mesmo que via e-mail ou redes sociais. Parabéns!"*

**Silvio P. Bittencourt**

*"Penso que para mim, o conteúdo do Cá entre Nós é de grande valia, pois é propício para todas as idades. Os assuntos nele tratado é de fácil leitura e entendimento. Ele é para mim, sem duvida alguma um excelente portador de opinião. A entrevista com o Prof. Wenceslao M. Oliveira Jr - Olho/ Faculdade de Educação - Unicamp, ajudou-me com uma melhor reflexão sobre o que posso considerar como importante na educação."*

**Elaine c Moreira**

*"A reflexão sobre a diferença parece simples mas não é! Precisamos nos conscientizar de que mesmo que algumas pessoas desejem, não há um lugar específico e segregado para pessoas com deficiência. Todos tem direito a conviver onde quiser, estudar onde as famílias decidirem. Se é direito há os deveres que toda sociedade precisa entender!"*

**Itamara Peters**

*"Cá entre nós! Excelente discussão, a temática é atual é necessária. É urgente a mobilização de todos em prol da inclusão. Incluir não pode ser somente no papel e nas leis. A participação social é essencial para que se faça uma sociedade inclusiva. Parabéns pela discussões e reflexões proporcionadas em cada postagem."*

# Diga lá!

## Profa. Elizabete Renders



### 1. O que você considera importante na educação e, na realidade, acontece?

O “afetar-se pelo outro” sempre acontece, mesmo que o neguemos. Para mim, este é um pilar fundamental do processo educacional. Se

há educação, há afetamentos. Educar é “movimento entre”. Como dizia Paulo Freire “o ato de ensinar e de aprender, dimensões do processo maior - o de conhecer - fazem parte da natureza da prática educativa”. As corporeidades envolvidas no processo educativo afetam-se mutuamente e também afetam e são afetadas pelo meio. Mas esta é uma via complexa, porque o “afetar-se” pode reduzir-se ao aprisionamento em sistemas educativos autoritários – onde tanto sujeitos como saberes sofrem a pressão para reduzir-se “sermenos”. É possível percebemos isto quando visitamos uma escola: quando o espaço exala liberdade, sujeitos e saberes emergem sem amarras, sendo-mais, inacabados e, por isso mesmo, plenos no processo de conhecer.

### 2. O que você considera importante na educação e, na realidade, não acontece?

Penso que, na maior parte das vezes, as emergências não acontecem. Tradicionalmente, a educação trabalha com monocultura que nos remetem a um jeito só de pensar e fazer as coisas. No entanto, nas palavras de Boaventura de Souza Santos, monoculturas são “modos de produção de ausência” e inibem emergências. Neste processo de engessamento epistemológico, há grande desperdício de saberes nos processos educativos, sejam estes formais ou não-formais. Como professores e professoras, acabamos nos atendo à zona de conforto do fazer de um jeito só. A educação, entretanto, deveria sempre oportunizar a emergência do novo. Penso que isto somente é possível se a educação se pautar pelo princípio da

multiplicidade e pelo respeito ao movimento das diferenças. Tenho defendido, por exemplo, a Pedagogia das Estações que promove, pelo zelo com a pluralidade simultânea, a emergência dos diferentes tempos e espaços do aprender.

### 3. O que não considera importante na educação e, na realidade, acontece?

A divisão do tempo e espaço para aprender em níveis marcados pelo tempo escolar. São raros os processos educacionais que não se fixam na monocultura do tempo escolar. Décadas se passaram e ainda não nos libertamos da escola de vidro, expressa nas memórias de Ruth Rocha: “eu ia para escola todos os dias de manhã e, quando chegava lá, logo, logo eu tinha que me meter no vidro”. A cada manhã, isto, ainda se repete no Brasil. As crianças estão loucas para sair dos vidros, mas insistimos em ‘enfiar’ a criança no vidro dito certo para a sua idade e nível de escolarização. Algumas escolas estão libertando-se deste engessamento, mas são poucas. São conhecidas como escolas alternativas. Triste e desnecessária imposição é a da fixação sistemática do tempo e espaço para aprender!

### 4. O que você não considera importante na educação e, na realidade, não acontece?

O ensino domiciliar. Penso que a escola é uma instituição importante e que contribui de forma relevante para a educação das crianças brasileiras. Não considero importante educar crianças em casa, pois a escola não substitui a família. A escola agrega valor à educação de crianças e jovens. Nos termos do Estatuto da Criança e Adolescente (Brasil, 1990), “é dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação”. No entanto, há um movimento no Brasil para que a criança seja educada em casa. Para mim, isto seria um triste retrocesso, pois abriria um precedente para o Estado não assumir o dever de garantir a educação para todas as crianças e adolescentes brasileiros.

Cá entre Nós  
[caentrenosweb.com](http://caentrenosweb.com)

**Direção editorial:**  
Maria Teresa E. Mantoan  
**Produção:**  
Vanessa F. Alves  
**Direção de arte:**  
Gustavo Machado Tomazi  
**Revisão:**  
Maria Da Luz Veiga e Ayeres Brandão

Realização:



LEPED

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Diferença.